



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**LAICIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR: OPINIÕES DE
PROFESSORES E ALUNOS**

Bolsista: Ana Marli Souza Lima, FAPEAM

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Francisca Maria Coelho Cavalcanti

MANAUS

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**LAICIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR: OPINIÕES DE
PROFESSORES E ALUNOS**

Bolsista: Ana Marli Souza Lima, FAPEAM

MANAUS

2016

“ A lei de ouro do comportamento é a tolerância mútua, já que nunca pensaremos todos da mesma maneira, já que nunca veremos senão uma parte da verdade e sob ângulos diversos”

(Mahatma Gandhi)

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Pratica religião.....	13
Gráfico 2: Qual religião.....	14
Gráfico 3: Mesma religião da família.....	14
Gráfico 4: Se os amigos são da mesma religião	15
Gráfico 5: Amigos que professam religiões diferentes.....	18
Gráfico 6: Se há evento religioso na escola	19
Gráfico 7: Professores praticam alguma religião.....	21
Gráfico 8: Qual religião é praticada por professores.....	22
Gráfico 9: Religião que pratica é a mesma da família (professor)	22
Gráfico 10: Amigos são da mesma religião (professor)	23
Gráfico 11: Se há evento de cunho religioso na escola (professor).....	25

Resumo

A pesquisa em questão é intitulada “ Laicidade no âmbito escola: opiniões de professores e alunos” teve como objetivo compreender como professores e alunos lidam com a diferença religiosa no ambiente escolar diante da laicidade do Estado; relacionar as opiniões dos escolares com as leis acerca da laicidade e com o referencial teórico; analisar as falas dos escolares acerca da diversidade religiosa e buscar propostas sobre como lidar com a diferença. A metodologia adotada foi de caráter exploratório-descritiva que buscou o levantamento de opiniões e atitudes de uma população e categorizá-las. Contou com o apoio da entrevista semiestruturada como técnica de coletas de dados, bem como sua análise de cunho qualitativo, analisa as falas em contexto, ajudando a compreender como as pessoas pensam e agem no mundo concreto e sobre determinado assunto. Os resultados inferem que alunos e professores lidam com a diferença religiosa no ambiente escolar tentando ser tolerantes e até mesmo sendo, porém, um percentual significativo permanece sem maiores entendimentos a respeito do assunto e transparecem como intolerantes e contrários a uma cultura que produza e seja construída na diversidade.

Palavras-chave: Laicidade, opiniões, professores, alunos.

Sumário

1. Introdução.....	7
2. Desenvolvimento.....	8
2.1. Fundamentação Teórica.....	8
2.2. Descrição metodológica.....	11
2.3. Resultados e Discussão.....	13
2.3.1. Entrevistas com alunos.....	13
2.3.2. Entrevistas com professores.....	22
2.3.3. Análise comparativa das opiniões de professores e alunos.....	27
2.3.4. Análise do PCNER	28
3. Considerações Finais.....	32
4. Referencias.....	33
5. Anexos.....	34

1. Introdução

A pesquisa de iniciação científica intitulada “Laicidade no âmbito escolar: opiniões de professores e alunos” têm como objetivo geral: compreender como professores e alunos lidam com a diferença religiosa no ambiente escolar diante da laicidade do Estado; relacionar as opiniões dos escolares com as leis acerca da laicidade e com o referencial teórico; analisar as falas dos escolares acerca da diversidade religiosa, buscando propostas sobre como lidar com a diferença.

Tendo em vista o referencial teórico que a embasou. Como, por exemplo, o conceito de Estado laico brasileiro, não possuindo uma religião oficial e sim respeitando a diversidade religiosa histórica que o mesmo possui, vislumbrando que, o que conhecemos é que o Estado laico defende, através de leis e ações, a harmonia entre os credos e religiões, combatendo o preconceito e a discriminação religiosa e que nesse estado, todas as crenças são respeitadas e as religiões devem respeitar umas as outras, fundamentando assim este princípio.

Foi utilizado como estratégia a entrevista semiestruturada. Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias instantâneas à entrevista. Segundo o autor, essa forma de entrevista pode fazer surgir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Os dados foram coletados em duas escolas de natureza pública com a devida anuência das mesmas, são elas: Escola de Tempo Integral Prof. Eng. Sergio Pessoa Figueiredo e Escola Estadual Dulcineia Varela Moura. A população pesquisada foram alunos e professores do Ensino Médio da Educação Básica, escolhidos aleatoriamente e segundo critérios de inclusão e exclusão delimitado na metodologia.

Em relação à análise foram elaborados gráficos com dados quantitativos e análise qualitativa das opiniões dos alunos e professores, na qual detectamos que “sim” existem opiniões que buscam uma melhor convivência entre as religiões com fortes embates proativos a favor da laicidade do estado e do ambiente escolar, porém fortes opiniões que se contrapõem a essas opiniões.

2- DESENVOLVIMENTO

2.1. Fundamentação Teórica

Através de alguns estudos realizados a respeito da literatura refletimos que o ambiente escolar é um espaço privilegiado para promover o reconhecimento e a valorização da trajetória dos diferentes grupos sociais e suas religiões, porém existe outro espaço, o familiar, que infere e delimita os princípios que de certa forma alicerçam valores, dentre eles o religioso. Muitas vezes esses valores são estruturados como sendo os únicos corretos e com essa concepção a diversidade religiosa muitas vezes é tratada como um tabu, o que pode levar a intolerância religiosa e a ascensão de diversos tipos de discriminação, de rejeição, gerando assim vários conflitos humanos.

Por isso, se evidencia a importância de verificar o acesso ao conhecimento das diferentes religiões professadas no nosso país, em especial no Amazonas e de forma específica no ambiente escolar, verificar-se-á como estar à aceitação do outro, do dessemelhante, já que isto é um importante aprendizado para a melhoria do convívio social que precisa ter como base o respeito. Segundo Silva e Ribeiro (2007, p.13):

Segundo Silveira (2007), a intolerância religiosa pode causar espanto, mas muitos conflitos e guerras violentas ainda são travados em nome de determinadas crenças religiosas. Este é um problema extremamente complexo porque tais confrontos, costumeiramente, não carregam motivações exclusivamente religiosas, mas a estes se somam razões de ordem econômica, social, política e cultural variáveis a cada experiência histórica. Por esse motivo acrescentamos para a pesquisa os PCNER.

Os exemplos de conflitos religiosos são numerosíssimos: entre judeus e cristão, entre cristãos e islâmicos, os considerados hereges, as guerras entre católicos e protestantes em decorrência da Reforma e da Contra- Reforma, nos séculos XVI –XVII; a imposição do cristianismo ou do catolicismo sobre os indígenas da América e os negros importados da África como escravos.

Hoje alguns desses grandes conflitos penduram como aquele entre islâmicos e cristãos ou entre católicos e protestantes, na Irlanda do Norte. Mas a intolerância religiosa também se expressa em pequenos conflitos cotidianos, quando se desqualifica pessoas por não pensarem religiosamente do mesmo modo de quem as desqualifica; ou quando se destrói templos e símbolos de religiões que se consideram adversárias; ainda, quando arroga para sua crença o estatuto de religião e qualifica a crença do outro de “seita”.

A partir dessa afirmativa vamos observar o que houve de avanço ou retrocesso com relação aos nossos jovens que no seu ambiente escolar passam a maioria do tempo, por estarem frequentando uma escola de tempo integral, juntos. Como se estabelece essa relação, se sobre a diferença, ou se suas relações de amizade estão pautadas baseadas em critérios de escolha por crenças. O que dizem eles em relação a sua própria crença, e a do outro. Que conceitos tem sobre as diversas religiões, como tratam as religiões Afro-Brasileiras? Como se estabeleceu seus conceitos de religiosidade, são em detrimento do ambiente familiar, está atrelada ao seu ciclo de amizade, o que seriam capazes de fazer para defendê-las, em que este conceito pré-estabelecido tem interferido em suas vidas, tem eles dado liberdade ao outro, ao incomum, ao diferente?

A liberdade religiosa diz respeito ao direito tanto na seleção de determinada convicção religiosa quanto o de não proferir religião alguma. Para entender a questão da diversidade religiosa no espaço escolar é importante promover discussões que contextualizem esse exercício de cidadania que é contemplado no artigo XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

“Toda a pessoa tem o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletiva, em público ou em particular”.

A liberdade de se fazer representar e de se expressar é um direito e como tal deve ser assegurado pela disseminação desse direito, assim sendo, a crença em determinada religião e sua prática, só se concretiza realmente se, a sociedade for capaz de estabelecer um diálogo e uma atitude favorável à sua garantia. Para que isso aconteça é imprescindível que os diferentes convivam e a escola e sua educação – direito fundamental para todo cidadão brasileiro – é o local profícuo para esse processo, visto que, os sujeitos em seus ambientes familiares são de certa forma imperativos em suas próprias religiões.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos firma o direito fundamental que qualquer pessoa tem de viver e professar sua religião, inclusive com base nesse princípio, qualquer pessoa também tem o direito de não professar qualquer religião. Essa ideia é totalmente defendida por Silveira em seus artigos “ Diversidade Religiosa e os Direitos Humanos e Diversidade Religiosa: breve histórico das religiões “Vivemos numa era com grande facilidade de informação, de sabermos o que está ocorrendo no mundo com uma rapidez que se mostra a cada ferramenta que as novas tecnologias disponibilizam. Estamos aprendendo a conhecer uma sociedade multicultural, com semelhanças e incontáveis dessemelhanças, para isso, precisamos dialogar sobre temas que afastam as pessoas e as dividem cada vez mais em classes, em grupos etc., não para torná-las iguais, mas sobremaneira para a abertura de se construir uma humanidade democrática.

Há variadas discussões sobre temas de relevância social, acadêmica e científica. Dentre esses temas a diversidade religiosa aparece e tem um significado salutar quando as mentes se mostram com conceitos que visam e buscam tolerância e respeito.

Segundo Godoy Silveira et al (2010), “a diversidade religiosa manifesta-se no contexto escolar na multiplicidade de comportamentos, atitudes, valores, símbolos, significados, linguagens, roupas e sinais sagrados, nos referenciais éticos e morais utilizados pelos sujeitos para realizarem suas escolhas em relação ao outro, ao mundo e à vida”. Ela enfatiza também, que essa diversidade é fruto da multiplicidade dos povos.

Para enfatizar uma discussão a respeito do tema, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (PCNER) demarcam fortes conquistas, pois tanto denominações religiosas como educadores da área propõem seu objeto de estudo que foca um princípio de diálogo e tolerância: o Fenômeno Religioso e o conhecimento de suas manifestações nas diferentes tradições religiosas.

Dando sentido ao objeto de estudo os PCNER, elaboraram conteúdos a partir de cinco invariantes: Culturas e tradições religiosas: Estudo do fenômeno religioso; Textos Sagrados: Textos que transmitem, conforme a fé dos seguidores, uma mensagem do Transcendente; Teologias: Conjunto de afirmações e conhecimento elaborados pela religião de um modo organizado ou sistematizado; Ritos: Série de práticas celebrativas das tradições religiosas formando um conjunto de rituais, símbolos e espiritualidades; Ethos: forma interior da moral humana em que se realiza o próprio sentido do ser.

Os objetivos da disciplina também foram organizados e sustentam uma sociedade que se diz democrática, são eles:

- Valorizar o pluralismo religioso e a diversidade religiosa e cultural presente na sociedade brasileira

- Propiciar o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas recebidas no contexto do educando;
- Subsidiar o educando na formulação do questionamento existencial, em profundidade para dar sua resposta devidamente informados;
- Analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais;
- Facilitar a compreensão do significado das afirmações e verdades de fé nas tradições religiosas;
- Refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano;
- Possibilitar esclarecimento sobre o direito, à diferença na construção de estruturas religiosas que têm na liberdade o seu valor inalienável.

2.2. Descrição Metodológica

Metodologia de cunho exploratório-descritiva que buscou o levantamento de opiniões e atitudes de uma população e categorizá-las. Teve como apoio a seguinte técnica de coletas de dados: a entrevista semiestruturada, perfazendo assim uma abordagem qualitativa, que Segundo Loflandre em Vietta (1996), estudioso da metodologia qualitativa a categorização é um recurso imprescindível para garantia do rigor metodológico e certamente um procedimento a ser amplamente exigido em pesquisas desta natureza. Seguindo na mesma direção a análise e interpretação dos dados nos debruçamos no estudo dos PCNER, cujo objetivo é conhecer melhor ao que se propõe o ensino religioso nas escolas.

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias instantâneas à entrevista. Segundo o autor, essa forma de entrevista pode fazer surgir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

As escolas nas quais foram coletados os dados são duas e de natureza pública com a devida anuência das mesmas, são elas: Escola de Tempo Integral Prof. Eng. Sergio Pessoa e Escola Estadual Dulcineia Varela Moura. A população pesquisada foram alunos e professores do Ensino Médio da Educação Básica, escolhidos aleatoriamente 10 alunos (as) do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio de cada escola, perfazendo um total de 60 alunos,

sendo que a escolha se deu de forma equitativa, ou seja, 30 do sexo masculino e 30 do feminino.

Em relação a escolha dos professores, entrevistamos 14, dos quais 8 do sexo masculino e homens e 6 do sexo feminino. Também de forma aleatória e com a disponibilidade dos mesmos.

Em relação ao grupo focal, este não foi realizado, devido a n imprevistos e impossibilidades no percurso da pesquisa.

O tipo de Estudo foi descritivo, de caráter exploratório composto por um corpus constituído de professores e alunos do Ensino Médio com os seguintes critérios: Critério de Inclusão: o critério de inclusão dos alunos na pesquisa foi por um sorteio aleatório com base em tabela de números equiprováveis (Pereira, 1974). Em relação ao critério de inclusão dos professores, estes foram convidados a fazer parte da pesquisa independente de área de formação, ou das disciplinas por eles ministradas, porém com pelo menos 5 anos de exercício da profissão, excluídos assim, quem não obtiver esse critério o qual chegou a seguinte composição:

Quadro 1: Composição da amostra

ESCOLAS	Dulcineia Varela Moura		Sergio Pessoa Figueiredo		Total
ALUNOS	N (F)	N (M)	N (F)	N (M)	
	15	15	15	15	60
PROFESSORES	02	03	04	05	14
					74

Em relação a análise, esta foi de cunho qualitativo, tendo em vista sua estratégia metodológica, ou seja, se apoia na análise do discurso, que é de natureza tridimensional abarcando a linguagem, a história e a ideologia. (Caregnato, Mutti, 2006). É uma análise da fala em contexto, ajuda a compreender como as pessoas pensam e agem no mundo concreto.

Foi feito um levantamento separado das entrevistas dos alunos e professores através de gráficos e análises dos conteúdos contidos nas mesmas, bem como a análise do discurso dos professores, ao final um quadro comparativo dos pesquisados

2.3. Resultados e Discussão

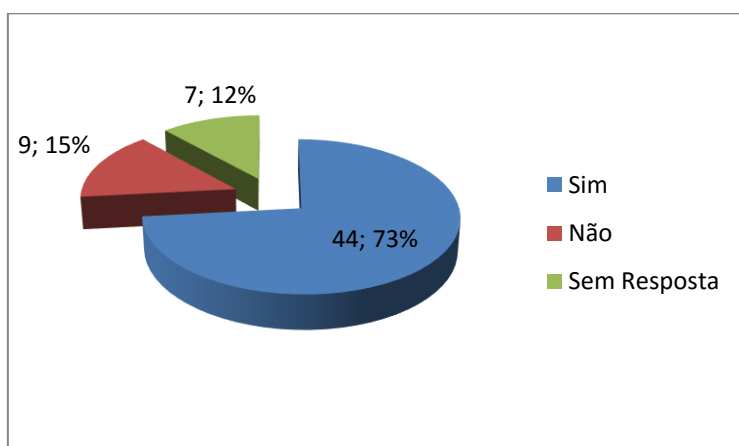
Conforme o objetivo geral desta pesquisa que é: Analisar como professores e alunos lidam com a diferença religiosa no ambiente escolar diante da laicidade do Estado e de seus objetivos específicos que são: Comparar as opiniões dos professores e dos alunos sobre diversidade religiosa; Relacionar as opiniões dos professores e alunos com as leis acerca da laicidade e com o referencial teórico e Analisar o PCNER acerca da diversidade religiosa, buscando propostas sobre como lidar com a diferença. Os dois primeiros objetivos específicos foram desenvolvidos e efetivados.

Em um primeiro momento buscamos comparar e analisar as respostas dos alunos que segue abaixo representadas por gráficos e falas que se sobressaem como base da pesquisa em questão e conforme entrevista semiestruturada que segue abaixo:

2.3.1 Entrevista com alunos

1ª - Você pratica alguma religião? Qual?

Gráfico 1 (prática de religião)

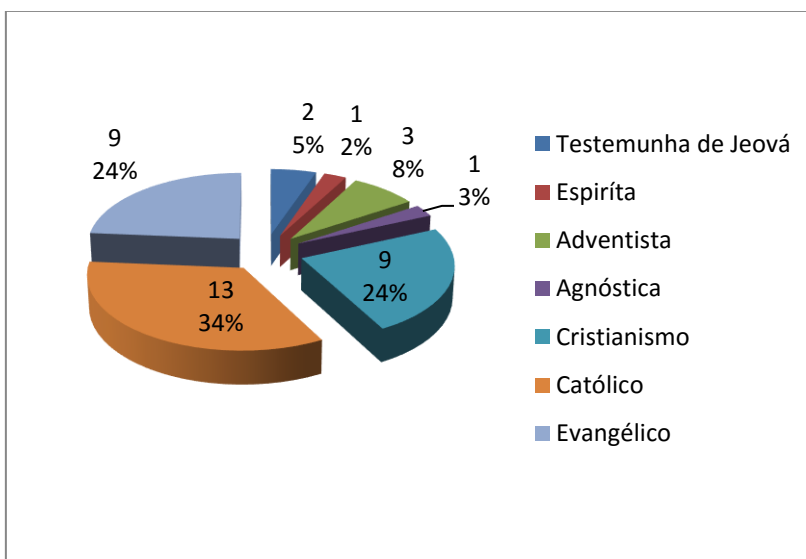


Dos entrevistados, 73% praticam alguma religião, o que nos mostra um percentual elevado na importância de se ter um credo. 9,15% diz não ter religião e 7,12% não respondeu o que nos causou estranheza, pois ao indagar “qual religião” com exceção de um dos pesquisado, todos informaram uma religião (veja o gráfico 2).

Essa pequena mostra vai ao encontro de como se encontra o mundo e sua representação religiosa, ou seja, no mundo a grande maioria da população (84%) possui uma Religião enquanto que 16% se declaram não-religiosos (ateus, agnósticos, etc.).

O que nos levar a refletir que é impossível ignorar o papel da religião na cultura, na vida das pessoas. Nesse sentido, podemos afirmar que a religião nos esclarece sobre a formação cultural de um povo.

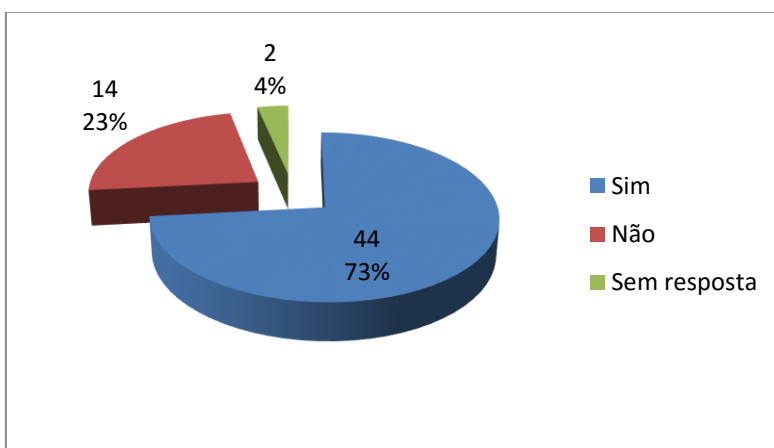
Gráfico 2 (Qual religião)



As religiões predominantes nesta amostra de pesquisados foram: católicos, cristianismo e evangélico. 24% afirmaram que seguem o cristianismo, porém não determinaram qual religião específica. Podemos inferir que são religiões que seguem Cristo e esta faz parte da cultura brasileira desde o início da história do Brasil como a conhecemos, trazida pelos jesuítas e tinha o objetivo de transmitir uma cultura essencialmente católica assim como se vivia na Europa.

2ª- A religião que você pratica é a mesma que sua família pratica?

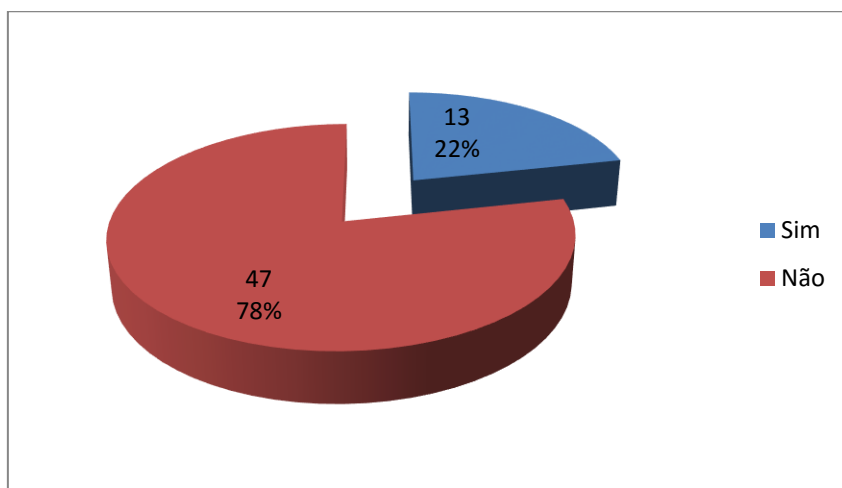
Gráfico 3 (mesma religião da família)



Os entrevistados indicam em sua grande maioria, ou seja, 73% que “sim” professam a mesma religião de sua família, porém um outro percentual que nos parece expressivo, de 23% dizem que não, o que nos leva a percepção que existe tolerância da família em relação a essa questão, contudo para realmente concretizar essa percepção se faz necessário uma pesquisa mais aprofundada.

3ª-Seus amigos são da mesma religião que a sua? Se sim e se não, por quê?

Gráfico 4 (se os amigos são da mesma religião)



Essa pergunta nos mostra que majoritariamente os coletivos de amigos são da mesma religião, percebe-se que as regras religiosas podem interferir na relação de amizades, pela congruência da crença e dos valores que são pregados como verdadeiros e acreditados como sólidos. Contudo, 22% afirmaram que ‘não’, fazendo-nos refletir que a diferença não interfere em experiências novas e com outro olhar de se perceber a vida. Abaixo algumas falas que nos indicam tanto a importância entendida por aqueles que são da mesma religião, quanto por aqueles que não se limitam e estendem suas amizades de forma mais ampla e complexa, respeitando o colega de uma forma mais solidária e tolerante.

“Tenho amigos reais, não imaginários” (2º ano, 16 anos, feminino)

“Alguns são católicos, por causa das famílias, ou por vontade própria” (2º ano, 14 anos, masculino)

“Não, são Ideologias diferentes, mas acreditam em Deus e seguem”. (3º ano, 17 anos, feminino.)

“Tenho até amigos ateus”. (3º e 2º ano, 17 e 16 anos, feminino);

“Meus amigos sim, pois temos uma grande relação íntima e unida, cada um apoia o outro” (1º ano, 14 anos, feminino)

“Tenho alguns amigos não praticantes, e outros ligados à outra. Não existe um “porquê”, cada um acredita naquilo que o beneficia” (1º ano, 14 anos masculino)

“Todos os meus amigos são da mesma religião que a minha”. (1º ano, 15 anos, feminino)

“ Sim, não posso se misturar, tá na bíblia” (1º ano, 17 anos, feminino).

4- Qual sua opinião sobre a sua religião?

Ao responderem essa questão, fica evidente que a opinião sobre suas religiões é precisa e favorável, pois acreditam que é a correta, a crença na mesma é enfática como nas falas a seguir. Porém, destacamos a 3ª fala elencada abaixo de uma aluna agnóstica que enfatiza que as religiões são o mal da humanidade, pois delas provem as intolerâncias, isto é, a seu ver, são as religiões que apregoam os preconceitos, as discriminações que são difundidas pelo mundo.

“Não tenho religião” (2º ano, 16 anos, feminino)

“Minha igreja foi criado por Jesus Cristo”. (2º ano, 15 anos, masculino)

“É o grande mal da humanidade; preconceitos, discriminação e intolerâncias são provenientes da religião”. (2º ano, 16 anos, feminino)

“Verdadeira, pois ensina que há somente um Deus” (3º ano, 15 anos, feminino.)

“A religião é fundamental para o ser humano” (2º ano, 17 anos, masculino)

“Bem, nós Testemunhas de Jeová ensinamos o que tem na palavra de Deus a Bíblia. Não falamos nada do nosso jeito e sim do modo que a Bíblia diz. Buscamos sempre nos chegar ao nosso Deus” (1º ano, 1 anos, feminino)

“Eu acredito que a minha religião é a verdadeira”. (1ª ano, 15 anos feminino).

“Minha religião é muito predominante e em minha concepção ensina valores para que eu venha através de meu testemunho influenciar outras pessoas” (1º ano, 15 anos, feminino).

“ Muito boa” (1º ano, 17 anos, feminino).

5º- Qual sua opinião sobre a religião de seus amigos?

A essa pergunta, a grande maioria informa que cada qual tem sua religião e que precisa ser respeitada e que preferem não opinar. Contudo, destacamos que algumas opiniões apresentam um certo preconceito ou não entendimento do que seja tolerância, pois refletem um não aceite do diferente que os distanciam em suas formas de perceber o mundo.

“Eu amo meus amigos de verdade, entretanto eu odeio suas religiões. Todos são de alguma vertente cristã, e as ideologias às vezes nos distanciam.” (2º ano, 16 anos, feminino)

“Legal. Cada religião tem as suas coisas que a tornam especial” (2º ano, 17 anos, masculino)

“Algumas banais, outras bem interessantes” (1º ano, 14 anos masculino)

“Que muitas coisas que as religiões deles pregam são asneiras” (3º ano, 16 anos feminino).

6ª- A escola deveria seguir ou não uma religião específica?

A essa questão, ficou claro que os alunos entendem o sentido de laico e que opinam que “não” pois existe diversas religiões e que de certa forma seria constrangedor assumir uma determinada religião que iria se sobrepor as demais, abaixo as falas destacadas:

“Se a escola seguisse uma religião, é óbvio que seria a cristã, e essa é a pior. Não querem cientistas nas igrejas; não querem pastores nas escolas. (2º ano, 16 anos, feminino)

“Há diversidade religiosa e pode haver contestação” (2º ano, 16 anos feminino)

“O Brasil é um país laico” (3º ano, 17 anos, masculino)

“Nem todos tem a fé suficiente para seguir os padrões de uma doutrina ou religião” (1º ano, 15 anos, masculino)

“Acredito que não, pois na minha sala tem um menino que serve ao budismo e não sei como ele deve se sentir com isso” (1º ano, 15 anos, feminino.)

“A escola é de cunho estadual, não deve existir segregação, haverá sempre alguém com ideia diferente” (3º ano, 17 anos feminino).

Segundo Silva e Ribeiro (2007) Um dos grandes desafios para a convivência social é encontrar maneiras de diálogo com o diferente. Por muito tempo se procurou encontrar o que os grupos têm em comum. No entanto, descobriu-se que além de ter algo em comum, se faz necessário que a convivência se dê também pela diferença. Portanto, o papel ou função da escola dever ser a construção de direitos individuais e coletivos através da reflexão que o ser humano pode perceber a diferença e buscar o entendimento da importância de lidar com o outro de maneira ética.

7ª- Você sabe que no Brasil existem outras religiões, como por exemplo as Afro-brasileiras (Candomblé, Quimbanda, Umbanda). Qual a sua opinião sobre essas religiões?

Nessa pergunta a grande maioria não quis opinar de forma contundente, muitos deixaram a resposta em branco, outros afirmaram que é um tipo de religião, outros marcaram suas respostas conforme as falas abaixo, abalizando suas percepções com clareza quando por exemplo afirmam que “ ajudam a formar nossa cultura”, “ prefiro não me declarar”, “ acho a religião macabra”. Podemos inferir que há ainda preconceito com as religiões afro-brasileiras, pois preferem não opinar, contudo podemos apontar que alguns jovens (mesmo que minoria) tem consciência que essas religiões fazem parte da nossa cultura e que se faz fundamental disseminar o conhecimento que leve a tolerância e o respeito a diversidade.

“ Respeito, mas não me envolveria com nenhuma” (2º ano, 16 anos, feminino)

“Eu não tenho nenhuma opinião muito específica acerca desse assunto. Acho que se o Estado é laico, deveria ser essas religiões respeitadas, não tratada com se fosse o próprio “diabo”. (2º ano, 16 anos, feminino)

“São religiões que expressão as teorias de seus criadores” (2º ano, 16 anos, masculino)

“São heranças culturais, trazidas pelos nossos ancestrais, por mais que seja diferente. (2º ano, 14 anos masculino)

“Acho que elas ajudam a formar nossa cultura” (2º ano, 17 anos, masculino.)

“Provenientes de outras raízes, não deve sofrer preconceito” (3º ano, 16 anos, feminino)

“Crença proveniente da miscigenação, cada um segue o que quer” (3º ano, 16 anos masculino)

“Prefiro não me declarar sobre essa pergunta” (1º ano, 14 anos, masculino)

“Esse preconceito que há com as religiões Afro-Brasileiras deveria ser abolido. Mas há uma coisa em que encontro descanso. O uso de elementos do catolicismo nos terreiros de umbanda” (1º ano, 15 anos masculino.)

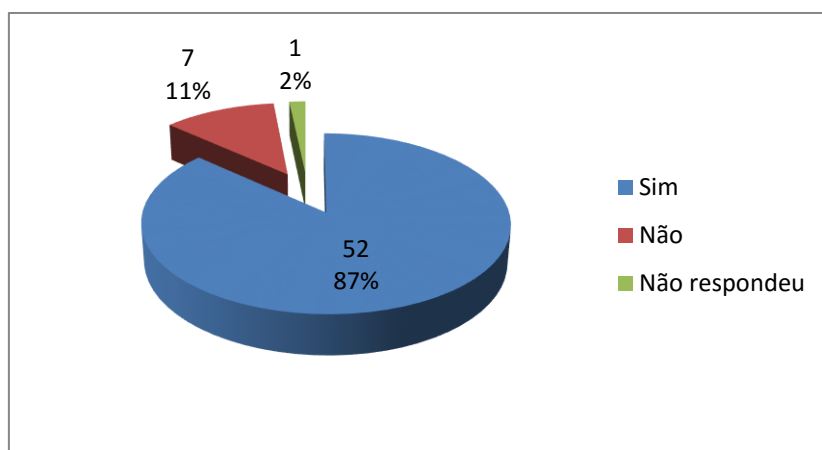
“Respeito acima de tudo, porém minha opinião pessoal revela um certo “preconceito”. Acho a religião macabra, talvez o motivo seja a mídia” (2º ano, 16 anos, feminino)

“São derivadas e são complexas até mesmo difícil de ser entendidas” (1º ano, 15 anos feminino).

“ Sei, são erradas e do mal” (1º ano, 17 anos, feminino)

8º-Na escola você tem amigos que professam religiões diferentes da sua? Se sim, esses amigos participam ativamente de sua vida?

Gráfico 5 (amigos que professam religiões diferentes)



A significativa maioria disse que tem amigos de diferentes religiões, porém não podemos deixar de analisar que 11% são bastante enfáticos que não têm amigos de outras religiões, o que nos mostra mais uma vez a necessidade de um conhecimento que socialize o respeito e a importância de se conviver com distintas ideais e crenças, e que agindo com

respeito e compreensão tanto de sua crença quanto na crença que o outro professa o convívio humano será mais benevolente.

“Respondeu que não tem religião, porém disse que tem amigos de diferentes religiões” (2º ano, 16 anos, feminino)

“Odeio religião, mas tenho amigos religiosos” (2º ano, 15 anos, feminino)

“A religião não interfere no convívio, a base de tudo é o respeito”. (2º ano, 14 anos, masculino)

“Não participam, até porque moram longe, mas não participam ativamente” (1º ano, 15 anos, masculino)

“Não tenho amigos de diferentes religiões” (1º ano, 15 anos, feminino)

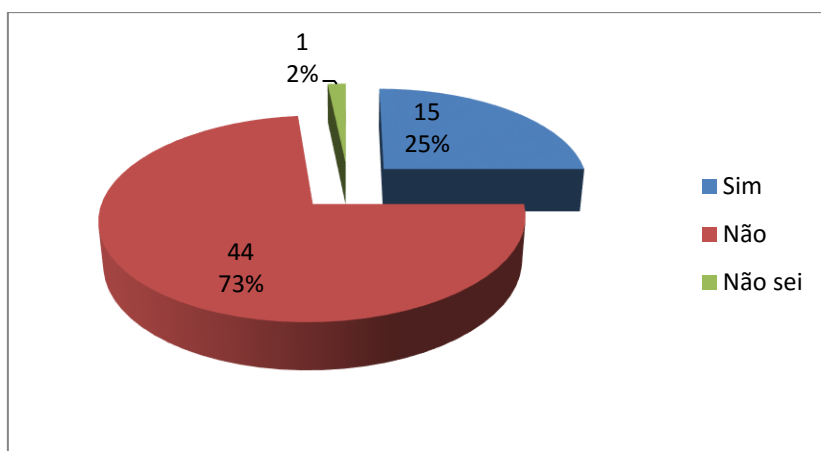
“ Não, às vezes. Sim eles são meus amigos só na escola” (1º ano, 17 anos, feminino)

“Não”- enfática no não (3º ano, 17 anos, feminino)

“ Não, não participam ativamente da minha vida” (2º ano, 16 anos, feminino)

9-Em sua escola, há algum evento de cunho religioso? Se sim, qual e dê sua opinião sobre esse evento?

Gráfico 6 (se há evento religioso na escola)



Nesta resposta 73% afirmaram que não e 15% afirmaram que sim. Os que afirmaram positivamente, informaram que há momentos de orações na hora cívica e destacaram a páscoa como um evento que a escola comemora, apontando assim para as religiões que professam o cristianismo. As falas abaixo demonstram um viés para pequenos eventos de cunho religiosos.

“ Sim, A páscoa é um evento que significa a troca de deus” (2º ano, 16 anos.)

“Sim, e acho errado. Se faz de eventos cristãos, por que não de outras religiões” (2º ano, 16 anos, feminino)

“O evento da páscoa, pois é feita uma representação pelos alunos da escola, em homenagem a Deus. Evangélico” (2º ano, 16 anos, masculino)

“No momento da hora cívica se faz uma oração” (1º ano, 15 anos, masculino)

“Há na hora cívica, mas não é questionado porque é considerado ecumênico” (2º ano, 16 anos, feminino)

“O único ato religioso pode ser observado no “momento cívico” momento este em que é feito uma oração de agradecimento” (1º ano, 14 anos, masculino)

10º - Sua escola não conta com uma disciplina de ensino religiosa. Em sua opinião a disciplina de ensino religioso deveria ser oferecida? Se sim, qual seria o objetivo desta disciplina?

A essa pergunta os alunos nos indicam alguns objetivos que demonstram um caminho que levaria a um conhecimento das religiões em sua diversidade, porém, outros, inferem preconceitos e juízo de valor que precisam ser esclarecidos para que possam refletir e ampliar as possibilidades do conhecimento.

“Deveria para formar bons cidadãos para respeitar outras religiões”. (2º ano, 16 anos, feminino)

“Assim aprenderíamos conviver com as diferenças religiosas, e ao mesmo tempo respeitar” (2º ano, 14 anos, masculino)

“Se for para estudarmos juntos e aprendermos o que a Bíblia diz sim. Poderia ser oferecido” (1º ano, 15 anos, feminino)

“Sim deveria. Pois as diferenças existem e são frequentes precisamos aprender a lidar com essas diferenças” (1º ano, 15 anos, feminino)

“Sim. Devia ter para colocar o jovem no caminho certo, porque faz sexo, usa drogas e isso é errado” (1º ano, 17 anos, feminino).

“ Sim, o objetivo seria mostrar as pessoas o motivo de sua existência, como elas surgiram a partir da crença religiosa” (2º ano, 16 anos, feminino)

“Sim, para conhecermos e entendermos as outras religiões” (2º ano, 17 anos, masculino)

A liberdade religiosa diz respeito ao direito tanto na seleção de determinada convicção religiosa quanto o de não proferir religião alguma, e isso não deve ser um obstáculo para o encontro entre as pessoas.

Para entender a questão da diversidade religiosa no espaço escolar é importante promover discussões que contextualizem esse exercício de cidadania que é contemplado no artigo XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Toda a pessoa tem o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou

crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletiva, em público ou em particular.

11- O Brasil tem alguma religião oficial?

As respostas são contundentes e apesar de afirmarem em suas opiniões que não há uma religião oficial, apontam enfaticamente que o Brasil é Cristão. Observemos as falas dos alunos abaixo:

“Deus te/nos lhes/ livre. Quer dizer, se você quer saber, somos um país laico. Mas um país “laico- cristão. (2º ano, 16 anos, feminino)

“As religiões que os brasileiros seguem são passadas de geração a geração”. Evangélico.

“Se tivesse que pertencer a uma religião e largar a que pertencço? Eu não largaria, em minha opinião é melhor o Brasil continuar laico” (1º ano, 15 anos, feminino)

“Não, Ele é eclético” (3º ano, 17 anos)

“Sim o cristianismo. Porém se diz Estado laico”. (1º ano, 15 anos feminino)

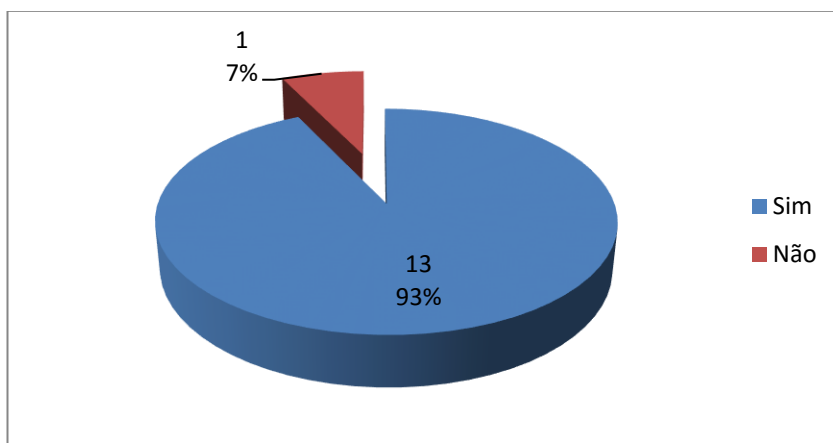
“Cristianismo”. (1º ano, 16 anos feminino).

2.3.2 Entrevistas com professores

1ª.Você pratica alguma religião? Qual?

Destacamos, conforme o gráfico nos mostra que a significativa maioria dos professores praticam uma religião, ou seja, 93% desses profissionais professam uma determinada religião.

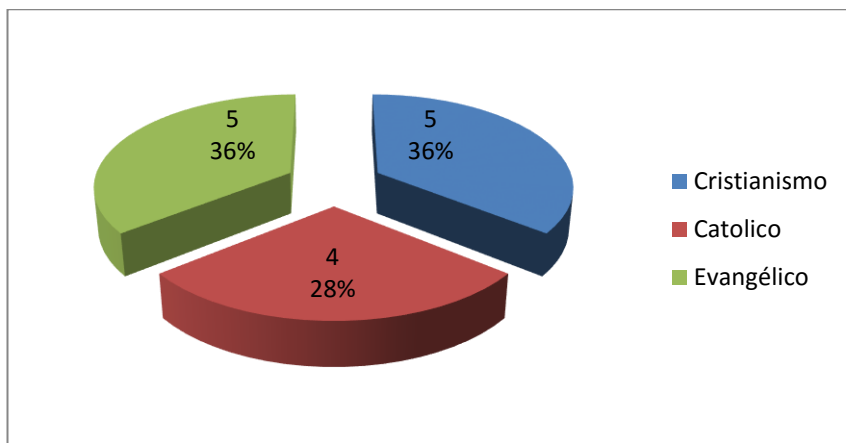
Gráfico 7- Professores praticam alguma religião



Qual?

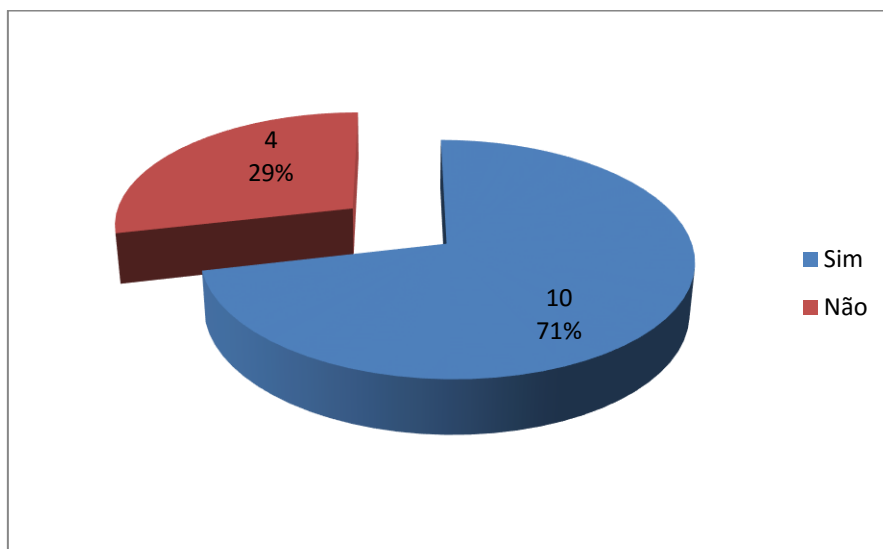
Ao indagar qual religião, 36% afirmam seguir ao Cristianismo, sem indicar qual religião específica seguem. Outros 36% se intitulam evangélicos e 24% católicos. Abaixo o gráfico demonstrativo:

Gráfico 8- Qual religião é praticada por professores



2ª. A religião que você pratica é a mesma que sua família pratica?

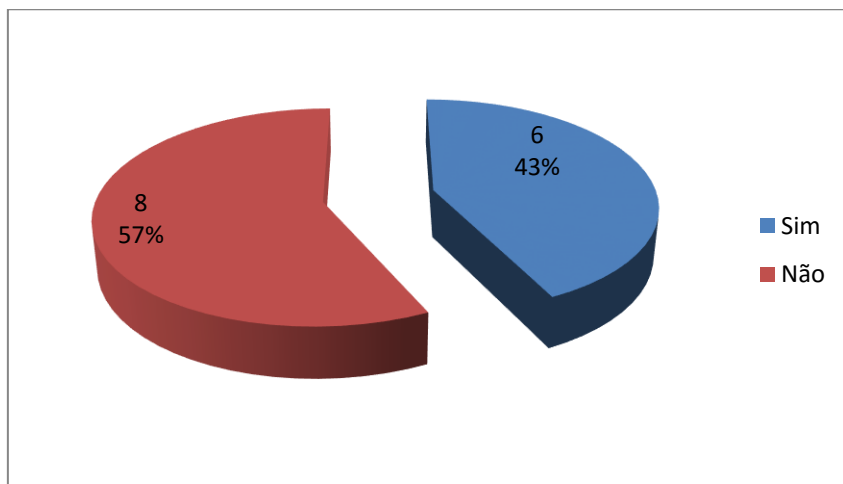
Gráfico 9- Religião que pratica é a mesma da família (professor)



Conforme o gráfico 9, há uma expressiva prática seguindo a família, porém 24% também expressam o princípio de tolerância no âmbito familiar, contudo se faz necessário como dito com as respostas dos alunos uma pesquisa mais aprofundada no que tange ao comportamento da família a esta questão.

3ª. Seus amigos são da mesma religião que a sua? Se sim ou se não, porque?

Gráfico 10. Amigos são da mesma religião (professor)



Ao serem indagados, os professores afirmaram em sua maioria que “sim” (57%), seus amigos são da mesma religião, os 43% que são expressivos afirmaram que não, possuem amigos de outras vertentes religiosas. O “porque” ficou a desejar na pesquisa, quase sem esclarecimento, porém uns indicaram o seguinte:

“ A maioria sim, pois vem desde a infância” (Professor, 12 anos de formação)

“Sim, devido a eventos e atividades” (Professor, 5 anos de formação)

“ A maioria sim, mas a religião não foi preponderante para a escolha de amigos” (Professor, 10 anos de formação)

4ª. Qual sua opinião sobre sua religião?

As opiniões dos professores a respeito de sua religião são enfáticas, suas argumentações são baseadas na fé e na credibilidade de suas religiões, abaixo descritas por eles:

“Em minha opinião ela busca obedecer aos princípios bíblico”. (Professor, 18 anos de formação)

“Minha religião se baseia no criacionismo, que tem só um Deus digno de toda e qualquer reverência. Mas como toda religião tem seus erros, mas buscam meios para reconhecer esses erros e não permitir que não aconteça mais” (Professor, 5 anos de formação)

“Amo minha religião que luta pela igreja libertadora e dos pobres e excluídos. Nela professamos nossa fé por meio do memorial da paixão, morte e ressurreição de Jesus na sagrada eucaristia. Além de vários trabalhos sociais” (Professora, 5 anos de formação)

“Encontrei o que buscava nela”. (Professora, 10 anos de formação)

“Acredito ser a verdade e nela realizo meus anseios” (Professora, 5 anos de formação)

“Nela eu encontro tranquilidade, o que falta no mundo de hoje, com tantos problemas sociais, a gente procura na religião um escape” (Professora, 8 anos de formação)

“É uma religião séria, que faz o que as religiões têm que fazer, saciar a parte espiritual”
(professor, 5 anos de formação)

“A minha religião é de tradição no Brasil e a mais popular, há quem diga que é o oficial do país, por fazer parte da história do Brasil” (Professora, 12 anos de formação)

5ª. Qual sua opinião a respeito das religiões de seus amigos?

As opiniões dos professores foram simplórias e sem argumentação, preferem não comentar ou afirmam que as respeita, contudo inferem um certo preconceito como relatado em destaque abaixo:

-“Prefiro não discutir os dogmas das outras religiões. Acima disso creio que somos todos irmãos” (Professora, 8 anos de formação)

“Respeito todas as diversidades culturais, principalmente no que tange a religião. Contudo vejo que muitas deixaram de pregar o amor para pregar a prosperidade”
(Professora, 12 anos de formação)

“Acho muito manipuladora” (Professor, 5 anos de formação)

6ª. A escola deveria seguir ou não uma religião específica? Se sim ou se não, porque?

Os professores foram unânimes em afirmar que “não”, a escola não deve seguir uma religião, pois o país se sustenta numa democracia e numa diversidade cultural, conforme retratam nas falas abaixo:

“Acredito que não. A diversidade cultural no país onde se tem “democracia” só tem espaço para a escola laica”. (Professora, 12 anos de formação)

“Acredito que não, afinal estamos num país democrático e penso que religiões e estado não combinam” (Professor, 10 anos de formação)

“Acho que não. O ensino religioso deveria se basear em valores éticos e morais, discutir a realidade contextualizando-a com as diversidades culturais e religiosas, o ecumenismo e acima de tudo, valores de respeito e amor ao próximo etc.” (Professora, 5 anos de formação)

7ª. No Brasil existe outras religiões, como por exemplo as afro-brasileiras (Candomblé, Quimbanda, Umbanda). Qual sua opinião sobre estas religiões?

Apesar de falas que sustentam respeito sobre as religiões afro-brasileiras, se percebe um desconhecimento por parte dos professores sobre as mesmas. Por exemplo: o ‘prefiro não comentar’, fica subentendido desde o desconhecimento até o próprio preconceito e a discriminação preservada ao longo da história cultural de nosso país. Abaixo algumas expressões sobre as religiões afro-brasileiras:

-“Penso que é uma mistura mística de religião com costumes das localidades”. (Professor, 5 anos de formação)

“Agora vejo com outros olhos, geralmente nossos pais nos ensinam que essas religiões não se adequam ao padrão da sociedade, pois fazem mal as pessoas. Hoje amo as peculiaridades de algumas que já aceito até frequento alguns terreiros” (Professora, 8 anos de formação)

“Prefiro não comentar” (professor, 18 anos de formação)

“Como profissional procuro conhecer, cada uma tem suas especificidades”

8ª. Em seu local de trabalho (escola), você tem amigos que professam religiões diferentes da sua? Se sim, esses amigos participam ativamente de sua vida? (Como: sair com você, visitar sua casa, contar seus segredos etc.)

As falas dos professores são objetivas e se restringem apenas a dizer que “Sim”, isto é, tem amigos de religiões diferente da sua, não entram em detalhes de como é a participação desses amigos em suas vidas. Segue algumas falas que destacamos:

“Sim. Porém a maioria deles professam a mesma fé que eu”. (Professora, 12 anos de formação)

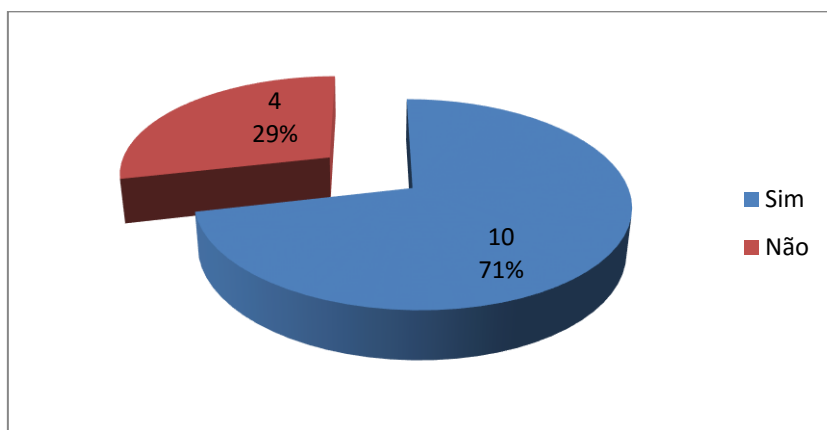
“Sim, mas não participam da minha vida” (Professora, 5 anos de formação)

“Sim. Professam religiões diferentes” (Professor, 5 anos de formação)

“Sim. Normal amigos são amigos”. (Professor, 10 anos de formação)

9ª. Em sua escola, há algum evento de cunho religioso? Se sim, qual e dê sua opinião sobre esse evento?

Gráfico 11 - Se há evento de cunho religioso na escola



Conforme o gráfico acima, a grande maioria entendeu que sim e indicaram o momento da páscoa e a hora cívica. As opiniões seguem abaixo e afirmam o Cristianismo.

“A páscoa, é bem criativo, pois falam sobre o significado real da mesma” (Professora, 12 anos de formação)

“ Páscoa, os alunos participam ativamente em uma atmosfera pacífica” (Professor, 10 anos de formação)

10ª.Sua escola não conta com uma disciplina de ensino religioso. Em sua opinião a disciplina deveria ser oferecida. Se sim, qual seria o objetivo dessa disciplina?

Em relação a essa pergunta, fica evidente em algumas falas o não aprofundamento sobre as religiões e os atuais objetivos pensados e elaborados pelo PCNER sobre o ensino religioso nas escolas.

“Prepara o aluno para uma vida espiritual” (Professor, 18 anos de formação)

“Sim. Deveria ter para preservar os valores que a cada dia estão se perdendo” (Professora, 8 anos de formação)

Outras falas se aproximam aos objetivos propostos:

“ É oferecida e o objetivo deveria ser a pesquisa das diversas religiões” (Professor, 10 anos de formação)

“ Sim, e o objetivo deveria ser uma breve contextualização das diferentes religiões para que todos possam conviver com a diferença, amando e respeitando sem a distinção de cor, credo...” (professor, 5 anos de formação)

11ª. O Brasil deveria ter uma religião oficial? Por que?

Todos os professores foram unânimes em responder que não, porém a grande maioria, só respondeu que “não” sem explicar com detalhes o porquê, apenas algumas falas como as que seguem abaixo que explicitaram um pouco mais.

“Não. Somos uma nação pluricultural. Impor uma religião faria com que perdêssemos essas características” (Professora, 12 anos de formação)

“Não. Por que devemos aceitar todas as religiões, temos que aprender a conviver com a diferença amando e respeitando sem distinção de cor e credo” (Professora, 5 anos de formação)

2.3.3 Análise comparativa das opiniões de alunos e professores:

Ao analisar e comparar as opiniões de professores e alunos, pode-se verificar que as respostas dadas por ambas as categorias são bastantes similares, inclusive com um certo atenuante para os alunos, estes possuem um pouco mais de argumentos ao responder algumas perguntas, por exemplo: a última pergunta, que questiona “ o Brasil deveria ter uma religião oficial e porquê? Eles dizem que não, pois temos o princípio da laicidade amparado por lei, porém questionam o cristianismo que se encontra no cerne da sociedade, o que não acontece com os professores. Contudo e no geral, apesar de serem distintas as categorias, estas expressam tanto opiniões favoráveis como desfavorável em relação aos questionamentos contidos na entrevista e que são análogas:

- Opinem favoravelmente sobre a condição de não se ter uma religião oficial;
- Opinem que a escola não deve seguir uma determinada religião, pois existe a diversidade de crenças que deve ser respeitada;
- Opinem favoravelmente que a escola deve ter ou tem uma disciplina de ensino religioso e que esta deveria preceituar o respeito e a convivência com o diferente, apesar de algumas opiniões para incutir regras e valores religiosos;
- Opinem que suas religiões são de certa forma a mais coerente (opinião que pode gerar preconceitos e discriminações);
- Opinem que as religiões afro-brasileiras precisam ser respeitadas, como também opinam que as mesmas são macabras, inferindo assim um processo de desrespeito e intolerância religiosa;
- Opinem, que na escola existe evento de cunho religioso e este é cristão.

2.3.4. Análise do PCNER

Em relação ao terceiro objetivo específico que é a análise do PCNER acerca da diversidade religiosa que se encontra no nosso país, fizemos uma busca na Constituição Brasileira para situarmos melhor a proposta do Plano Curricular Nacional do Ensino Religioso no Brasil.

O dicionário Aurélio trás a seguinte definição da palavra laica: Não sofre influência ou controle por parte da igreja. Que ou quem não pertence ao clero, ou não fez votos religiosos.

“A partir do processo constituinte de 1988, o Ensino Religioso vai efetivando sua construção como disciplina escolar, a partir da escola e não de uma ou mais religiões. Assim, a razão de ser do Ensino Religioso tem sua fundamentação na própria função da escola: o conhecimento e o diálogo.

A escola é o espaço de construção de conhecimentos e, principalmente, de socialização dos conhecimentos historicamente produzidos e acumulados. E, como todo conhecimento humano é sempre patrimônio da humanidade, o conhecimento religioso deve também estar disponível a todos que a ele queiram ter acesso.

Por questões éticas e religiosas, e pela própria natureza da escola, não é função dela propor aos educandos a adesão e vivência desses conhecimentos, enquanto princípios de conduta religiosa e confessional, já que esses sempre são propriedade de uma determinada religião e inclusive de orientações no seio familiar.

A Constituição Federal de 1988 não declara expressamente que o Brasil é laico, mas trás de forma consolidada todos os elementos que formam esse entendimento. Isso se dar pela caracterização do Estado garantidor da igualdade e da liberdade inclusive religiosa _ soma-se a isso a determinação constitucional de separação institucional entre o Estado e a Religião. (Joana Zilbersztajn, Faculdade de Direito São Paulo, 2012).

Embora a Constituição Imperial de 1824 tenha feito algum avanço em direção da liberdade religiosa dos cultos não-católicos, especialmente dos protestantes – desde que expressassem suas crenças em suas próprias línguas e no âmbito doméstico – foi somente por ocasião da instalação da República que o governo provisório decretou, em 7 de janeiro de 1890, e a primeira constituição republicana oficializou, em 1891, a separação entre Igreja e Estado, pondo fim ao monopólio católico, extinguindo o regime do padroado, secularizando os aparelhos estatais, o casamento e os cemitérios, e garantindo, pela primeira vez, a liberdade religiosa para todos os cultos⁴.

Isto não significou, entretanto, a retirada de certos privilégios da Igreja predominante.

Além disso, na década de 1930, a Igreja Católica “reivindicou estar ao lado da ‘nação’” (Giumbelli, 2006, p. 236) e, nesta condição, por ocasião da Constituição de 1934, conseguiu introduzir nela o princípio da “colaboração recíproca” entre Estado e religião (subentende-se igreja católica) (Giumbelli, 2002). Contribuiu sobremaneira para esta espécie de “reconciliação” entre:

Igreja Católica e Estado a boa relação que mantinham entre si o presidente Getúlio Vargas, que se manteve no poder entre os anos de 1930 a 1945, durante o qual vigorou o chamado Estado Novo, e Dom Sebastião Leme, nomeado em 1921 arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro e da capital da República. Neste período, a igreja católica conseguiu avançar de tal maneira na retomada de sua privilegiada relação com o Estado que alcançou o status de religião “quase oficial” (Mariano, 2001, p. 145)⁵.

Para as outras religiões, como o espiritismo e, sobretudo, as religiões afro-brasileiras, o período do Estado Novo foi marcado por repressões policiais e mesmo por invasões aos terreiros. Norton Correa destaca que “a repressão policial, especialmente na segunda metade dos anos 1930, foi muito intensa, em Salvador” (Correa, 1998, p. 30). O mesmo ocorreu no Rio de Janeiro. Dizia-se, em ambos os Estados, que os terreiros acobertavam comunistas, justificando, assim, a sua invasão pela polícia (Maggie, 1992).

Nas décadas seguintes, “o Estado brasileiro continuou privilegiando a Igreja Católica em detrimento dos demais grupos religiosos, demograficamente ínfimos, formados por minorias protestantes, espíritas, indígenas e por praticantes de rituais afro-brasileiros” (Mariano e Oro, 2011, no prelo). Assim, a Igreja Católica, mais do que outras igrejas, como as evangélicas, continuaram a receber certas benesses na forma de auxílios e cooperações de várias ordens, inclusive financeiras e de isenção de impostos. Além disso, apesar do dispositivo legal de separação entre igreja e Estado, que vigora há mais de um século, reafirmado no art. 19, inciso 1, da Constituição de 1988, em 2009 presenciamos mais uma situação de tratamento preferencial do Estado em relação à Igreja católica.

Trata-se do Acordo bilateral firmado entre a República Federativa do Brasil e a Santa Sé em 2008, durante audiência oficial na biblioteca do Vaticano entre o papa Bento XVI e o presidente Lula, e aprovado na Câmara dos Deputados, em 26 de agosto de 2009, e no Senado Federal, em 8 de outubro de 2009.

Tal acordo sofreu fortes críticas da sociedade em geral, posto que:

... 1) seu estabelecimento viola o artigo 19 da Constituição brasileira, que veda ao Estado manter relações de dependência ou aliança com cultos religiosos e igrejas e subvencioná-los; 2) confessionaliza a disciplina de ensino religioso facultativo, ministrada em escolas públicas de nível fundamental, contrariando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação; 3) implica a concessão de subvenção estatal à Igreja Católica e a privilegia em detrimento das demais agremiações religiosas (Mariano e Oro, 2011, no prelo).

A aprovação no Congresso Nacional da chamada “Lei Geral das Religiões”, após intensa mobilização política realizada pela “Bancada Evangélica”, estendendo o Acordo católico, com alguns retoques, a todos os grupos religiosos, por um lado, cria a relação jurídica privilegiada do Estado com a Igreja Católica em relação às outras religiões, e, por outro lado, escancara ainda mais a violação do dispositivo legal que veda as relações de dependência ou aliança do Estado com as Igrejas.

Igualmente, a presença do crucifixo em lugares públicos como escolas, hospitais, prisões, parlamentos, e mesmo em tribunais, aponta na mesma direção: viola o dispositivo legal de separação Igreja-Estado e franqueia um tratamento desigual entre as religiões, posto que assegura um privilégio para as religiões cristãs, o catolicismo sobretudo. (Emerson Giumbelli, 2006).

A história do Ensino Religioso na educação brasileira é marcada por avanços e dificuldades, conforme Junqueira (2002) ao se falar em dificuldades, é possível falar estarem estas ligadas a questão de poder, questões econômicas e políticas, questões estruturais de organização de sistemas, quer sejam educacionais ou eclesiais, questões de concepção que a cada movimento da sociedade e a cada reforma de ensino e possível registrar. E ao falarmos em avanços, registramos: a nova concepção do entendimento e reflexão do ensino religioso, como disciplina da área do conhecimento; a criação de cursos em instituições de ensino superior, oportunizando a Licenciatura plena, com habilitação em Ensino Religioso e outros, além do novo espaço e alcance da mídia, na escola, na sociedade e nas pesquisas acadêmicas.

Um desses avanços que podemos citar é o FONAPER (Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso) criado em 1995 com o objetivo de consultar, deliberar e propor assuntos pertinentes ao Ensino Religioso, respeitando a diversidade e a cultura de um povo. Essa instituição civil especialmente criada para acompanhar a tramitação legal do Ensino Religioso que elaborou o PCN do Ensino Religioso.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso é um documento elaborado com o intuito de sustentar o artigo 33 da Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira que versa sobre o Ensino Religioso nas Escolas Públicas. Trata-se de uma proposta inovadora que trás o Ensino Religioso para o campo secular, apresenta essa modalidade de ensino com caráter científico, epistemológico, destituído de proselitismo.

O documento dos Parâmetros foi utilizado ainda para orientar a redação do novo texto do art.33 da LDB, pois, apesar do texto original preconizar duas modalidades para esta disciplina como confessional e interconfessional, o Fonaper, após tantos anos de estudos, compreendera que estas modalidades não eram mais compatíveis com a realidade brasileira, por isso buscou todo um esforço para alterá-lo. (Junqueira, 2002, p.72).

Em sua redação o PCNER trás a afirmação de que a escola é o espaço de construção de conhecimentos e, principalmente, de socialização dos conhecimentos historicamente produzidos e acumulados. E, como todo conhecimento humano é sempre patrimônio da humanidade, o conhecimento religioso deve também estar disponível a todos que a ele queiram ter acesso.

Por questões éticas e religiosas, e pela própria natureza da escola, não é função dela propor aos educandos a adesão e vivência desses conhecimentos, enquanto princípios de conduta religiosa e confessional, já que esses sempre são propriedade de uma determinada religião.

Conhecer significa captar e expressar as dimensões da comunidade de forma cada vez mais ampla e integral. Por isso à escola compete integrar, dentro de uma visão de totalidade, os vários níveis de conhecimento: o sensorial, o intuitivo, o afetivo, o racional e o religioso”. Ainda organiza em cinco eixos os conteúdos a serem trabalhados nessa modalidade de ensino: cultura e religiões, escrituras sagradas, teologias, ritos e ethos. Esses eixos são bem abrangentes e compõem aspectos ricos para o conhecimento na área proposta.

Embora haja muitos questionamentos ainda como o fator caráter científico do Ensino Religioso, este é considerado um avanço para se dialogar com a diversidade, visto o campo no Brasil ser diversificado. Este fato se pode atribuir ao esforço do Fonaper para desvincular o aspecto catequismo.

Os PCNER desejam desenvolver no educando o saber de si, na busca de respostas existenciais que se dá na reconstrução de significados pela releitura dos elementos do fenômeno religioso. Essa busca deveria ser feita na tentativa de superação da sua finitude. (Toledo, 1989).

O Brasil possui uma característica de pluriculturalidade, pois há uma diversidade cultural e religiosa presente na sociedade. Nossa origem vem de várias culturas com costumes e tradições e nessas tradições as religiosas que são diversas. Nesse sentido, as escolas que estruturam conhecimento de ajudam a construir personalidades tem ou pelo menos deveriam oferecer aos alunos o conhecimento dos diversos caminhos religiosos objetivando principalmente a sabedoria do convívio harmônico ao diferente, função que deve ser a de analisar e refletir sobre as exigências da educação para o século XXI e apresentada nos PCNER através de seu objeto de estudo, sua metodologia e seus objetivos já situados no referencial teórico desta pesquisa.

3. Considerações Finais

Tomando base os objetivos dessa pesquisa que são: compreender como professores e alunos lidam com a diferença religiosa no ambiente escolar diante da laicidade do Estado; relacionar as opiniões dos escolares com as leis acerca da laicidade e com o referencial teórico; analisar as falas dos escolares acerca da diversidade religiosa, buscando propostas sobre como lidar com a diferença, inferimos as seguintes considerações a respeito dessa pesquisa:

Podemos dizer que alunos e professores lidam com a diferença religiosa no ambiente escolar tentando ser tolerantes e até mesmo sendo, porém, um percentual significativo permanece sem maiores entendimentos a respeito do assunto e transparecem como intolerantes e contrários a uma cultura que produza e seja construída na diversidade.

Propomos um encontro, uma proposta educativa que tenha como base os PCNER, porém situado e contextualizado conforme as reais necessidades tanto de alunos como de professores no que tange ao “saber saber” sobre a diversidade religiosa tanto no Brasil e de como essa questão se encontra no mundo.

Notamos a real necessidade de formação do corpo docente para um conhecimento aprofundado das questões religiosas e de seu papel na reconstrução do pensar e refletir sobre o distinto e o coeso, ou seja, a diferença religiosa existe e está presente na nossa

sociedade e no mundo como um todo, mas, a coesão também, que é a racionalização humana que se manifesta pela sensibilidade, aspecto humano e que deve ser trabalhado e retrabalhado.

Concluimos, enfatizando se a escola tem na sua função a construção de cidadãos humanizados e inteligentes dentro de sua cultura, precisa necessariamente educa-los nessa direção. De forma direta e intransferível o professor deve também sê-lo. A escola fundamentalmente tem que ser um ambiente articulador e propicio, para isso, a formação docente deve responder favoravelmente nessa direção, como afirma Junqueira:

“Os professores desta área devem estar plenamente inseridos no contexto das instituições escolares, sem que haja discriminação nem privilégios de qualquer natureza. Mas é preciso reconhecer que ao longo da história do ensino religioso, sempre houve a preocupação com a formação dos professores. Porém esta nem sempre foi algo tranquilo, em consequência da dificuldade da identidade da disciplina”. (Junqueira, 2002, P. 11).

Buscar e encontrar a identidade da disciplina Ensino Religioso nos dias atuais e conforme as necessidades percebidas na sociedade se faz preponderante para disseminação de uma cultura pujante em opiniões e atitudes humanizadas, para isso, o professor deve adquirir uma formação que a balize.

4. Referencias:

ALVAREZ. J. Estratégias utilizadas em el aprendizaje em valores. Revista Innovación y experiência educativas. 2007.

BRASIL.CONSTITUICAO FEDERAL DE 1988.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, ONU, 1948

ENCICLOPEDIA DOS ESTUDANTE: religiões e cultura: crenças e mitologias de todas as civilizações/ Tradutores Yone de Carvalho, Rafael Rodrigues da Silva, Pedro Lima GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. % edição. São Paulo: Atlas, 2010.

Grandes Livros da Religião. História das Religiões: crenças e práticas religiosas do século XII aos nossos dias. Arnoldo Mondadori editore, Ediciones Folio. Milão, 2008.

Grandes Livros da Religião. História das Religiões: Origem e desenvolvimento das religiões. Arnoldo Mondadori editore, Ediciones Folio. Milão, 2008.

JUNQUEIRA, Sergio. A presença do religioso no contexto da educação in Religião e Cultura, 2004.

- MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. 2.ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- MARIANO, R. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa *na esfera pública*. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, PUCRS, v. 11, 2011, pp. 238-258.
- ORRO, A. P. *Laicidade no Brasil e no Ocidente*, 2012.
- PEREIRA, J. S. de C.; BUSSAB, W. de O. *Tábuas de Estatística e Matemática*. São Paulo: Brasiliense, 1974.
- SILVA, Clemildo A. RIBEIRO, Mario B. *Intolerância religiosa e direitos humanos*. Porto Alegre, Editora Sulina, Editora Universitária Metodista, 2007.
- SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. *Diversidade Religiosa e Direitos Humanos*. Em http://www.redhbrasil.net/documentos/biblioteca_on_line/modulo3/mod_3_3.3.6_diver_religiosa_r_osa.pdf. Consultado em 05/04/2014.
- TOLEDO, Cezar de Alencar Arnout, *Análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino religioso nas escolas públicas*, 2009.
- CAREGNATO, Rita C.A, MUTTI, Regina. *Pesquisa Qualitativa. Análise do discurso versus análise do conteúdo*. *Textos&Contextos. Enfermagem*, V 15. N 4. 2006.
- VIANNA, Marielle de Souza. *Diversidade Religiosa no Contexto Escolar*. Em <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv3n5/artigo01.pdf>. Consultado em 04/04/2014.
- VIETTA E.P. et al. Técnica da complementação de frases como recurso para expressão vivencial do aluno em véspera de prova. *Rev. latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 4, n° especial, p. 3949, abril 1996.

5. Anexos:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Prezado(a) Aluno (a),

Esta entrevista faz parte da pesquisa “Laicidade no âmbito escolar: opiniões de professores e alunos”, da qual você através de seu consentimento está participando. As perguntas que se seguem são para serem respondidas de forma autêntica. Por isso responda conforme pensa e age.

Escola:.....

Série: Sexo : Idade: Cor:

1. Você pratica alguma religião? Qual?
2. A religião que você pratica é a mesma que sua família pratica?
3. Seus amigos são da mesma religião que a sua? Se sim ou se não, por que?
4. Qual sua opinião sobre sua religião?
5. Qual sua opinião a respeito das religiões de seus amigos?
6. A Escola deveria seguir ou não uma religião específica? Se sim ou se não, por que?
7. Você sabe que no Brasil existem outras religiões, como por exemplo as Afro-Brasileiras (Candoblé, Quimbanda, Umbanda). Qual sua opinião sobre estas religiões?
8. Na escola, você tem amigos que professam religiões diferentes da sua? Se sim, esses amigos participam ativamente de sua vida? (como: sair com você, visitar sua casa, contar seus segredos etc..)
9. Em sua escola, há algum evento de cunho religioso? Se sim, Qual e dê sua opinião sobre esse evento?
10. Sua escola não conta com uma disciplina de ensino religioso. Em sua opinião a disciplina de ensino religioso deveria ser oferecida? Se sim, qual seria o objetivo desta disciplina?
11. O Brasil tem alguma religião oficial?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Prezado(a) Professor (a),

Esta entrevista faz parte da pesquisa “Laicidade no âmbito escolar: opiniões de professores e alunos”, da qual você através de seu consentimento está participando. As perguntas que se seguem são para serem respondidas de forma autêntica. Por isso responda conforme pensa e age.

Escola:.....

Formação:.....

Anos de exercício no magistério:

Sexo : Idade: Cor:

1. Você pratica alguma religião? Qual?
2. A religião que você pratica é a mesma que sua família pratica?
3. Seus amigos são da mesma religião que a sua? Se sim ou se não, porque?
4. Qual sua opinião sobre sua religião?
5. Qual sua opinião a respeito das religiões de seus amigos?
6. A Escola deveria seguir ou não uma religião específica? Se sim ou se não, por que?
7. No Brasil existem outras religiões, como por exemplo as Afro-Brasileiras (Candomblé, Quimbanda, Umbanda). Qual sua opinião sobre estas religiões?
8. Em seu local de trabalho (escola), você tem amigos que professam religiões diferentes da sua? Se sim, esses amigos participam ativamente de sua vida? (como: sair com você, visitar sua casa, contar seus segredos etc..)
9. Em sua escola, há algum evento de cunho religioso? Se sim, Qual e dê sua opinião sobre esse evento?
10. Sua escola não conta com uma disciplina de ensino religioso. Em sua opinião a disciplina de ensino religioso deveria ser oferecida? Se sim, qual seria o objetivo desta disciplina?
11. O Brasil deveria ter uma religião oficial? Por que?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
AUTORIZAÇÃO DOS PAIS/RESPONSÁVEIS

Convidamos o Senhor (a) pai ou responsável para autorizar seu filho a participar do Projeto de Pesquisa intitulado “Laicidade no âmbito escolar: opiniões de professores e alunos”, das pesquisadoras Ana Marli de Souza Oliveira (bolsista pesquisadora) e Francisca Maria Coelho Cavalcanti (orientadora), através de sua autorização. Esta pesquisa tem por objetivo analisar como professores e alunos opinam sobre a diferença religiosa no ambiente escolar diante da laicidade do Estado.

A participação do (a) seu filho (a) se dará através de uma entrevista e de um grupo de discussão. Os riscos decorrentes da participação de seu/sua filho(a) pode ser dentre outros: desconforto, insegurança, constrangimento. Se isso acontecer, imediatamente as pesquisadoras tomarão providências para que não acarrete danos ao bem estar de seu filho. Se o Senhor(a) autorizar estará contribuindo para esclarecer sobre o tema em estudo e para futuros encaminhamentos e contribuições sobre a questão do aspecto laico no ambiente escolar. Caso concorde em participar, receberá uma cópia deste termo, podendo solicitar informações sobre o andamento da pesquisa a qualquer momento, inclusive após sua publicação.

Se depois de consentir em sua autorização o/a Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade e a de seu filho não serão divulgadas, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no endereço Rua General Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I, Cep: 69077-000), Setor Norte, Faculdade de Educação/UFAM, pelo telefone (92- 3305-4569) ou pelos e-mails: anamslima48@gmail.com (telefone: 98109-1723) ou franciscamcc@hotmail.com, (telefone: 99282-0050) ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181- Ramal: 2004, e-mail: cep@ufam.edu.br e cep.ufam@gmail.com .

Consentimento Pós-Infomação

Eu, _____ fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu autorizo a pesquisadora a fazer a entrevista e o grupo de discussão com meu filho, sabendo que não vou ganhar nada e que posso desistir quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento que será guardada por mim.

Manaus, ____ de _____ 2015.

Pai ou Responsável

Manaus, ____ de _____ 2015.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(ESTUDANTE)**

Convidamos você para participar do Projeto de Pesquisa intitulado “Laicidade no âmbito escolar: opiniões de professores e alunos”, das pesquisadoras Ana Marli de Souza Oliveira (bolsista pesquisadora) e Francisca Maria Coelho Cavalcanti (orientadora), através de sua autorização. Esta pesquisa tem por objetivo analisar como professores e alunos opinam sobre a diferença religiosa no ambiente escolar diante da laicidade do Estado.

Sua participação se dará através de uma entrevista e de um grupo de discussão. Os riscos decorrentes de sua participação podem ser dentre outros: desconforto, insegurança, constrangimento. Se isso acontecer, imediatamente as pesquisadoras tomarão providências para que seu bem estar fique em primeiro lugar. Se você autorizar estará contribuindo para esclarecer sobre o tema em estudo e para futuros encaminhamentos e providências sobre a questão do aspecto laico no ambiente escolar. Caso concorde em participar, receberá uma cópia deste termo, podendo solicitar informações sobre o andamento da pesquisa a qualquer momento, inclusive após sua publicação.

Se depois de consentir em sua autorização você desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras no endereço Rua General Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I, Cep: 69077-000), Setor Norte, Faculdade de Educação/UFAM, pelo telefone (92-3305-4569) ou pelos e-mails: anamslima48@gmail.com (telefone: 98109-1723) ou franciscamcc@hotmail.com, (99282-0050) ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181- Ramal: 2004, e-mail: cep@ufam.edu.br e cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)



Manaus, ____ de _____ de 20_____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PROFESSORES(AS)

Convidamos o (a) Sr (a) professor (a) a participar da pesquisa “Laicidade no âmbito escolar: opiniões de professores e alunos”, das pesquisadoras Francisca Maria Coelho Cavalcanti e Ana Marli de Souza Oliveira. Esta pesquisa tem por objetivo analisar como professores e alunos opinam sobre a diferença religiosa no ambiente escolar diante da laicidade do Estado. As informações serão coletadas através de uma entrevista semiestruturada e de um grupo de discussão. Suas respostas, se necessário, poderão ser gravadas em áudio para, posteriormente, serem transcritas tais quais foram expressas.

O(a) Sr(a) poderá ficar tranquilo(a) quanto ao sigilo e discricção referentes às suas informações, elas serão confidenciais. A divulgação dessas informações não será apresentada de maneira que venha identificá-lo, pois suas respostas serão analisadas em relação às respostas dos outros participantes para indicar opiniões e não a concepção individual de cada participante.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem vir a ser desconfortos, incertezas, incômodos, insegurança em responder as perguntas, se isso acontecer, a pesquisadora imediatamente providenciará para minimizar, colocando seu bem estar em primeiro lugar. Se o (a) Sr(a) aceitar participar, estará contribuindo para esclarecer melhor o tema e para o desenvolvimento da pesquisa em nossa região.

Se depois de consentir em sua participação caso queira desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Para qualquer outra informação o(a) Sr(a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras pelo telefone (92-3305-4569) ou no endereço Rua General Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I, Cep: 69077-000, Setor Norte, Faculdade de Educação/UFAM, e-mails: anamslima48@gmail.com (telefone: 98109-1723) , e-mail: franciscamcc@hotmail.com (telefone: 99282-0050) ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305- 1181 – Ramal: 2004, e-mail: cep@ufam.edu.br e cep.ufam@gmail.com

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ___/___/___

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador Responsável